

**FACULDADE INTEGRADA DE PERNAMBUCO - FACIPE
BACHARELADO EM TURISMO**

Juliana de Melo Rocha
Maíra Cristine Ferraz Tiné
Márcia Gomes de Andrade
Shirley Gomes Teixeira

**APONTAMENTOS SOBRE A DOMINAÇÃO HOLANDESA
NO BRASIL: Uma contribuição para o turismo cultural
em Pernambuco.**

Recife
2010

Juliana de Melo Rocha
Maíra Cristine Ferraz Tiné
Marcia Gomes de Andrade
Shirley Gomes Teixeira

**APONTAMENTOS SOBRE A DOMINAÇÃO HOLANDESA
NO BRASIL: Uma contribuição para o turismo cultural
em Pernambuco.**

Monografia apresentada para obtenção do
título de Graduação à banca examinadora no
Curso de Turismo da Faculdade Integrada de
Pernambuco – FACIPE.

Orientadora: Tatiana Lima

Recife
2010

Juliana de Melo Rocha
Maíra Cristine Ferraz Tiné
Marcia Gomes de andrade
Shirley Gomes Teixeira

**APONTAMENTOS SOBRE A DOMINAÇÃO HOLANDESA
NO BRASIL: Uma contribuição para o turismo cultural
em Pernambuco.**

Monografia apresentada para obtenção do título de Graduação à banca examinadora no Curso de Turismo da Faculdade Integrada de Pernambuco – FACIPE.

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora:

Orientador
(Nome, Titulação e Instituição)

1º Examinador
(Nome, Titulação e Instituição)

2º Examinador
(Nome, Titulação e Instituição)

Dedicamos este trabalho primeiramente a Deus, pois sem Ele, nada seria possível e não estaríamos aqui reunidos, desfrutando, juntos, destes momentos que nos são tão importantes. Aos nossos pais, maridos e filhos pela dedicação e compreensão e por terem compartilhado conosco os momentos de tristezas e também de alegrias, nesta etapa, em que, com a graça de Deus, está sendo vencida.

AGRADECIMENTOS

Considerando este TCC como resultado de uma caminhada, agradecer pode não ser tarefa fácil, nem justo. Para não correr o risco da injustiça, agradecemos de antemão a todos que de alguma forma passaram pela nossa vida e contribuíram para a construção de quem somos hoje.

" O amanhã é fruto do nosso presente".
Autor desconhecido

RESUMO

A presente pesquisa teve como principal objetivo realizar um estudo sobre a influência dos holandeses para o turismo pernambucano, identificando a contribuição dos holandeses advindo do século XVII até os dias atuais. Após a invasão no período que sucede os anos de 1630 a 1654. Pernambuco viveu seu período de apogeu durante a ocupação holandesa, graças aos cientistas, artistas e ao governo de Maurício de Nassau. Coube a ele o mérito de ter feito a primeira ponte ligando a ilha ao continente, a ter construído um jardim botânico e um observatório astronômico. Como metodologia optou-se por uma pesquisa teórica documental feita pelos locais onde eles passaram. Foi possível observar que eles utilizavam o comércio do Pau-Brasil, açúcar e do fumo, com o intuito de transformar o Recife numa pequena Europa. E a partir deste conhecimento cultural e histórico o turismo pode utilizar esta ferramenta como estratégia para vivenciar a cultura local.

Palavras-Chaves: Nassau. Turismo. Ocupação Holandesa. Patrimônio.

ABSTRACT

This study aimed to conduct a study on the influence of the Dutch from Pernambuco for tourism, identifying the contribution of the Dutch coming from the seventeenth century to the present day. After the break-in period after the year 1630 to 1654. Pernambuco lived period of its apogee during the Dutch occupation, thanks to scientists, artists and the government of Maurice of Nassau. He was responsible for the merit of having made the first bridge connecting the island to the mainland, have built a botanical garden and an astronomical observatory. The methodology we chose a documentary made by theoretical research sites where they went. It was observed that they used the commerce of Brazil wood, sugar and tobacco, with the aim of turning Europe into a small Recife. And from this knowledge cultural and historical tourism can use this tool as a strategy to experience the local culture.

Key Words: Nassau. Tourism. Dutch occupation. Heritage.

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 Conceituando o turismo.....	11
2.1.1 A relação turismo X cultura.....	12
2.2 Patrimônio Cultural.....	13
2.2.1 Relação turismo X patrimônio Cultural.....	14
3 METODOLOGIA.....	16
4 APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA E O LEGADO DA OCUPAÇÃO HOLANDESA NO BRASIL: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O TURISMO DE PERNAMBUCO.....	17
4.1. As fases da ocupação holandesa no Brasil.....	17
4.2 João Maurício de Nassau Siegen e suas realizações no governo do Brasil holandês.....	18
4.3 Explorando o legado da ocupação holandesa em Pernambuco para elaboração de roteiros turísticos.....	20
4.3.1 Marco Zero, onde começa o Recife.....	20
4.3.2 Sinagoga Kahal Zur Israel.....	20
4.3.3 O patrimônio contemplado pelo Roteiro "Dos Holandeses aos Mascates".....	21
4.3.4 Museu do Estado de Pernambuco.....	21
4.3.4.1 Instalações físicas.....	22
4.3.4.2 Acervos disponíveis no museu.....	22
4.3.5 Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco.....	23
4.3.6 Palácio de Friburgo.....	24
4.3.7 Forte das Cinco Pontas.....	26
4.3.8 O Arraial do Bom Jesus.....	28
4.3.9 O convento Franciscano de Santo Antonio.....	29
4.3.10 Instituto Ricardo Brannand.....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

O turismo é uma atividade que existe há muito tempo, ele era usado desde as primeiras civilizações, onde já havia uma necessidade por parte das pessoas de se deslocarem a outros lugares, onde não eram de suas origens.

O turismo vem crescendo consideravelmente nos últimos anos, sua prática está ligada a diversos outros fatores que movimentam não só a economia, mas também traz a melhoria para a localidade.

O turismo por ser uma atividade dinâmica e interdependente de outras áreas tem uma constante alteração no seu enfoque de acordo com as necessidades e influências nas atividades que ela congrega. Os estudiosos recorrem às ciências como sociologia, história, geografia, política e psicologia, por englobar características particulares (BENI, 2003).

São vários os impactos que o turismo pode gerar, tanto positivos quanto negativos, a depender da qualidade do seu planejamento e desenvolvimento. Tipos específicos de problemas ocorrem, caso a atividade turística não levem em conta a boa elaboração desses pontos fundamentais.

Diante desses questionamentos como identificar o legado histórico cultural da dominação holandesa em Pernambuco?.

Tendo como principal objetivo refletir sobre os conceitos de turismo cultural e patrimônio; discutir aspectos da história da dominação holandesa relacionados à construção do legado cultural holandês em Pernambuco; apontar e descrever o patrimônio cultural holandês existente no estado.

A escolha do tema deu-se pela importância que a história e a cultura dos holandeses no Recife representam para o Turismo. A busca das benfeitorias deixadas pelos holandeses no século XVII, suas influências e seus princípios deixados para a região do passado, esquecido pelos dias de hoje.

Partindo desses fatos, espera-se contribuir significativamente para a melhoria do conhecimento da história, gerando mais crescimento cultural que envolve a vinda

de Nassau e a ocupação dos holandeses em Pernambuco. Para que assim possamos tornar a cidade de Recife cada vez mais visitada e explorada como atrativo turístico e com alto índice de desenvolvimento profissional para os futuros turismólogos do estado.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico será composto de um breve relato a ocupação holandesa e sobre Maurício de Nassau; conceitos sobre o turismo, cultura, patrimônio cultural e suas relações. Realizando também uma explanação sobre os roteiros turísticos existentes.

2.1 Conceituando o turismo

De acordo com Dias (2005) deslocar-se sempre foi uma constante do ser humano, a ponto de ser uma característica dessa espécie. Ele cita como exemplo o *homo sapiens*, que se deslocou do continente africano para outras partes do globo terrestre. Em seguida, ele demonstra a presença das viagens em diversos momentos da história: na antiguidade, as grandes navegações, entre outros exemplos. Contudo, o turismo, como nos moldes atuais, surgiu a partir do século XIX. Segundo o autor, o responsável pela difusão da palavra foi o escritor Sthendal, ao escrever o romance Memórias de um turista.

Já Ignarra (2003) pensa que o conceito de turismo é muito controverso, e aponta algumas definições de outros autores. Desse modo, Schullard (*apud* IGNARA, 2003, p. 12) define-o da seguinte forma:

... a soma das operações, especialmente as de natureza econômica, diretamente relacionadas com a entrada, a permanência e o deslocamento de estrangeiros para dentro do país, cidade ou região

Essa definição enfatiza o aspecto econômico do turismo. Para não se estender numa lista de definições da atividade turística, Jafar Jafari apresenta uma definição mais completa do turismo, do ponto de vista holístico:

... É o estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades, e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre os ambientes físicos, econômicos e socioculturais da área receptora (JAFARI *apud* IGNARRA, 2003, p. 33).

Cabe, portanto, a cada local realizar a exploração dos acervos culturais existentes em sua região para explorar e enriquecer o turismo local.

2.1.1 A relação turismo x cultura

Desde primórdios tempos até a atualidade a cultura continuou a ser uma das principais razões para a viagem. Com o tempo, modificou-se, porém, a forma como os inúmeros turistas visitam atrativos turísticos culturais. A própria noção de cultura anteriormente ligada à idéia de civilização ampliou-se e passou a incluir todas as formas de ser e fazer humanos. Dessa forma, entende-se que todos os povos são detentores de cultura.

Esta é definida como “a totalidade ou o conjunto da produção, de todo o fazer humano de uma sociedade, suas formas de expressão e modos de vida” (BALDÉ, 2009, p.1).

Quanto aos estudos específicos sobre a relação turismo e cultura, pode-se afirmar que foram iniciadas a partir dos anos 60, pelos antropólogos. Nessa década e na seguinte, o turismo passou a ser apontado como alternativa para o desenvolvimento mundial, inclusive no Brasil, embora de forma incipiente (BALDÉ, 2009).

No entanto, o modo como a atividade turística foi implementada em muitos lugares revelou-se danosa ao patrimônio cultural ou ineficaz como estratégia de promoção, quer pela falta de recursos humanos especializados, pela visitação descontrolada, pelo desrespeito em relação à identidade cultural local, pela imposição de novos padrões culturais, especialmente em pequenas comunidades, quer pelo despreparo do próprio turista para a experiência turística cultural (BRASIL, 2006).

Essa situação apontou para a necessidade de planejar ações conjuntas, projetadas e geridas entre as áreas de turismo e de cultura, e de se contemplar o respeito à identidade cultural e à memória das comunidades na atividade turística. O patrimônio cultural, mais do que atrativo turístico, é fator de identidade cultural e de memória das comunidades, fonte que as remete a uma cultura partilhada, a experiências vividas, a sua identidade cultural e, como tal, deve ter seu sentido respeitado (BRASIL, 2006).

A escolha pelo incremento turístico deve conciliar-se aos objetivos de manutenção do patrimônio, do uso cotidiano dos bens culturais e da valorização das identidades culturais locais. O uso turístico deve sempre atuar no sentido do fortalecimento das culturas.

Assim, a atividade turística é incentivada como estratégia de preservação do patrimônio, em função da promoção de seu valor econômico. Praticando esses pressupostos, algumas iniciativas de implementação de políticas públicas de turismo têm despertado o sentimento de orgulho nas comunidades em relação à sua identidade cultural.

Práticas culturais, antes esquecidas, vêm sendo resgatadas e o patrimônio preservado, mesmo face às influências da globalização e da tendência à padronização de expressões, bens e serviços culturais e turísticos. Pode-se dizer que a relação cultura e turismo fundamentam-se em dois pilares: o primeiro é a existência de pessoas motivadas em conhecer culturas diversas e o segundo é a possibilidade do turismo servir como instrumento de valorização da identidade cultural, da preservação e conservação do patrimônio, e da promoção econômica de bens culturais (BRASIL, 2006).

2.2 Patrimônio Cultural

Considera-se patrimônio histórico e cultural os bens de natureza material e imaterial que expressam ou revelam a memória e a identidade das populações e comunidades. São bens culturais de valor histórico, artístico, científico, simbólico, passíveis de tornarem-se atrações turísticas: arquivos, edificações, conjuntos urbanísticos, sítios arqueológicos, ruínas; museus e outros espaços destinados à apresentação ou contemplação de bens materiais e imateriais; manifestações como música, gastronomia, artes visuais e cênicas, festas e celebrações (BRASIL, 2007).

Os eventos culturais englobam as manifestações temporárias, enquadradas ou não na definição de patrimônio, incluindo-se nesta categoria os eventos gastronômicos, religiosos, musicais, de dança, de teatro, de cinema, exposições de arte, de artesanato e outros.

A pluralidade da cultura brasileira tem sido reconhecida pelos governos e pela sociedade como uma das principais características do patrimônio do país, ao lado dos recursos naturais, o que pode significar para o turismo a possibilidade de estruturação de novos produtos diferenciados, com o conseqüente aumento do fluxo de turistas (BRASIL, 2007).

O grande mérito desta possibilidade é fazer do turismo uma atividade capaz de promover e preservar a nossa cultura. Nesse caso, cultura e turismo configuram, em suas diversas combinações, um segmento denominado Turismo Cultural – que se materializam quando o turista é motivado a se deslocar especialmente com a finalidade de vivenciar aspectos e situações que podem ser considerados particularidades da cultura (BRASIL, 2007).

2.2.1 Relação Turismo X Patrimônio Cultural

Como já mencionado, o aproveitamento do patrimônio cultural de uma determinada comunidade pelo turismo tem sido uma preocupação constante para muitos estudiosos. Andrade (2004) constrói uma lista de recursos utilizados para formar a oferta turística, entre eles, o autor cita os bens históricos e culturais, que constituem os recursos artificiais ou ofertas artificiais.

Já Barreto (2000) afirma que é fundamental o planejamento na utilização de patrimônio cultural de uma comunidade pelo turismo. Ela enumera uma série de etapas necessárias para um aproveitamento com sustentabilidade, que vai de um estudo preliminar até a execução e o controle do plano. Enfim, ela declara:

Defende-se, neste livro, que, para o patrimônio, a melhor opção para eludir a ação inexorável do tempo parece ser a conservação, que permite viabilizar economicamente a manutenção dos bens culturais, móveis ou imóveis, e fundamentalmente a utilização dos bens como equipamentos turísticos, o que implica, também, transforma-los em museus, mas dentro das propostas novas, em que os museus sejam equipamentos capazes de despertar o interesse na visitação por parte dos turistas (BARRETO, 2000, p. 34).

Segundo Taylor (1871, p.1), o termo cultura é todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

Contribuindo para ampliação desse conceito Kroeber (1949, p.19) afirma, dentre outros aspectos, que “a cultura, mais do que a herança genética determina aspectos do comportamento humano”.

Analisar o conceito de cultura proporciona uma importante ferramenta para a compreensão do tema a ser estudado nessa pesquisa acadêmica, visto que “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e as experiências adquiridas pelas numerosas gerações que o antecedem” (LARAIA, 2006, p.45).

Tendo isso em vista, a cultura de gerações passadas, como o caso dos judeus no Estado de Pernambuco, constitui uma forte influência direta no processo de formação da cultura local atual.

Segundo Furtado (1984, p.32) “a formação histórica brasileira tem suas raízes no processo de mundialização da civilização européia”. Afirma ainda que “a segunda manifestação cultural de grande poder germinativo assume a forma de avanço da fronteira geográfica mediante a abertura de linhas de navegação intercontinentais”, dessa forma foi possível difundir os costumes, as crenças e tradições desses povos, tornando-os, assim, uma só cultura.

3 METODOLOGIA

Para a realização deste estudo cujo tema tem um caráter histórico, foi desenvolvida uma pesquisa de base teórica de natureza qualitativa descritiva.

Em relação aos procedimentos para coleta dos dados foi realizado uma pesquisa bibliográfica e documental e as técnicas adotadas foram primeiramente, levantamento bibliográfico através de livros e artigos científico e documentos, de modo que o material fosse capaz de fornecer e suprir embasamento teórico e necessário para o melhor desenvolvimento do estudo, possibilitando a análise dos registros históricos sobre o tema escolhido.

Em seguida, um levantamento documental, em locais históricos, religiosos e culturais dos holandeses e pernambucanos.

Através deste levantamento bibliográfico e documental foi possível realizar um maior aprofundamento do tema escolhido com a realização de um fichamento dos principais pontos.

Desta maneira, foi possível examinar intensamente aspectos que dizem respeito à cultura holandesa no território pernambucano ao longo do século XVII.

Seguido as orientações para o melhor desenvolvimento das pesquisas, análises e coleta de dados e buscou-se pontos críticos para fornecer melhores conclusões a serem apresentadas nos objetivos do estudo.

Ao analisar o conceito de cultura foi possível proporcionar uma importante ferramenta para a compreensão do tema a ser estudado nessa pesquisa acadêmica, visto que “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e as experiências adquiridas pelas numerosas gerações que o antecedem” (LARAIA, 2006, p.45).

Tendo isso em vista, a cultura de gerações passadas, como o caso dos holandeses no estado de Pernambuco, constitui uma forte influência direta no processo de formação da cultura atual local.

4 APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA E O LEGADO DA OCUPAÇÃO HOLANDESA NO BRASIL: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O TURISMO DE PERNAMBUCO.

4.1. As fases da ocupação holandesa no Brasil.

Durante vinte e quatro anos da ocupação holandesa no Nordeste do Brasil, a guerra foi sempre uma constante no dia-a-dia dos habitantes. Excluindo a ocupação de Salvador (1624-1625), a dominação holandesa no Nordeste pode ser dividida em três períodos distintos: O primeiro, que vai de 1630, queda de Olinda, a 1637, quando as tropas do Rei Católico abandonam Pernambuco rumo à Bahia, corresponde à guerra de resistência, que se saldou com a afirmação do poder neerlandês sobre toda a região compreendida entre o Ceará e o São Francisco (SILVA, 2003).

Para Mello (1978, p. 35) “Recife foi, porém, desde os primeiros tempos uma tentação para os piratas mais afoitos, de olhos compridos nas riquezas da terra... Porque o Recife era, apesar de tudo, a porta de entrada da Capitania”.

Ainda de acordo com Mello (2006, p. 67),

O argumento que mais sensibilizou Nassau dizia respeito ao estímulo que o livre-comércio daria à imigração de colonos neerlandeses e de outros países do norte da Europa, o que desencadearia um círculo virtuoso na economia da colônia e estaria sua segurança.

O segundo período, de 1637 a 1645, engloba principalmente o governo de João Maurício de Nassau (1636-1644), podendo ser prolongado até o ano seguinte, quando eclodiu o levante luso-brasileiro. É esta que constitui, para a historiografia, a idade de ouro do Brasil holandês. O período final, de junho de 1645 a janeiro de 1654, abrange a guerra da restauração, que terminou com a capitulação do Recife e das últimas praças-fortes inimigas com a liquidação definitiva da presença holandesa no Nordeste (SILVA, 2003).

Para os holandeses existiam dois interesses ligados na decisão de dominar as colônias sul-americanas dos portugueses. O primeiro deles seria o fato da Holanda ter se tornado inimiga de Portugal, e o outro, o interesse financeiro, pois, a produção e o comércio de açúcar eram bastante lucrativos e os holandeses já estavam dominando as importações comerciais deste produto.

A Companhia das Índias Ocidentais foi criada em 1621, e já possuía os mesmos moldes da companhia das Índias Orientais, possuindo assim capital aberto na Bolsa de Valores de Amsterdã. A WIC (sigla em flamengo) era comandada pelo Conselho dos XIX. A companhia partiu com uma frota composta de 56 navios, com 3780 tripulantes e 3500 soldados e para iniciar tentou-se conquistar a cidade de Salvador, capital administrativa da colônia portuguesa, toda via, com a derrota optaram por Olinda e Recife, que eram os centros econômicos e que foram rapidamente dominadas.

O período de 1637 á 1644 pode ser considerado um grande momento na história da colonização holandesa no Brasil. Foi neste período, a chegada do mais importante governador da época, o Conde Maurício de Nassau Siegen. Ele marcou época como administrador tentando realizar uma pacificação entre holandeses e portugueses, além de oferecer a tolerância religiosa para católicos e judeus, trazendo também diversos avanços culturais e estruturais ao Recife.

4.2 João Maurício de Nassau Siegen e suas realizações no governo do Brasil holandês.

Alemão, nascido em Dilemburgo em 17 de agosto de 1604, João Maurício de Nassau era Filho Primogênito do Conde João VII e da sua esposa Margarida von Holstein-Soderburg. Fez seus estudos humanísticos nos liceus da Basileia, Genebra e Cassel, mas aos quinze anos teve que abandoná-los em favor da carreira das armas. Nassau destacou-se em várias campanhas militares, entre as quais a Guerra dos Trinta anos (1618), o Sítio de Den Bosch (1632) e a reconquista de Schenckenshaus (1636) tornando-se conhecido e respeitado rapidamente (RIBEIRO, 2006).

Após esse feito militar, Maurício de Nassau foi convidado, pelo Conselho dos XIX da Companhia das Índias Ocidentais, para assumir o governo civil e militar do Brasil Holandês. Ao chegar ao Recife em 23 de janeiro de 1637 ficou encantado com a beleza da terra tropical e passou a chamar Pernambuco de Nova Holanda (RIBEIRO, 2006).

Depois de uma viagem atropelada por ventos contrários, a esquadra holandesa desembarcou em Recife em 23 de janeiro de 1637. Fui recebido com muitas honras, achando o país um dos mais belos do mundo, elogiou Nassau, antes de conhecer a penúria em que se encontrava Pernambuco. Faltava alimento, água, casa e honestidade a corrupção prevalecia até no exército. Apesar da grande quantidade de frutas e árvores na região, os holandeses não as tocavam. Tinham pavor de andar pelos campos e serem atacados em emboscadas portuguesas. Pelo menos 60 engenhos fecharam ou foram queimadas pelos proprietários lusitanos nos primeiros anos da Resistência Pernambucana. Vivemos em uma ponta de terra, sem liberdade. A tropa é vítima de escorbuto e não obtendo nem verdura, nem madeira, nem água fresca, necessariamente definha até a morte, sem que neste areal possa ser empregado qualquer expediente, tal como se estivéssemos em um deserto. Escreveu um desesperado militar holandês numa carta descoberta por José Antonio Gonçalves de Mello, 82 anos, maior especialista sobre o Brasil holandês e autor do clássico livro Tempo dos Flamengos. (correios Braziliense)

Assim que as batalhas em terra diminuíram, Maurício de Nassau decidiu construir uma cidade que fosse sede de seu governo e também sua moradia, A cidade Maurícia. Nesta época coube ao Conde realizar no Recife uma verdadeira revolução no âmbito de sua paisagem urbana.

Que ao seu tempo foi construído o Palácio de Friburgo também conhecido como Palácio das Torres, e a Casa da Boa Vista, casa de lazer (1643). No Palácio das Torres foi onde ele montou seu Jardim Botânico, que foi considerado o primeiro zôo botânico das Américas, onde construiu viveiro de peixes, pombal, olaria, plantação de bananeiras e uma enorme senzala, o hospital nigritarum. Um batalhão de funcionários o servia. Eram 18 escravos, dez turcos, três jardineiros, dois cozinheiros, uma governanta, a filha dela, um índio tupi do Maranhão, dez estribeiros, seis marinheiros e dois trombeteiros.

Para trocar a Holanda pelo Brasil, Maurício de Nassau recebeu seis mil florins para roupas e equipamentos, salário mensal de 1,5 mil florins e ficava com uma taxa de 2% sobre todo butim. Ele veio acompanhado de um pastor, um médico e um secretário e 300 soldados. Era pouca gente para as pretensões do nobre. Quando a esquadra de quatro navios lançou-se sobre as águas do Atlântico norte, no dia 25 de outubro de 1636, estava com Nassau. a maior missão artística e científica que até então pisara nas Américas., diz o historiador pernambucano Leonardo Dantas, 50 anos. Entre outros eruditos, vieram o naturalista e astrônomo George Marcgrave e os artistas Franz Post e Albert Ekout, autores dos primeiros quadros de paisagens nordestinas. (MEIRELES, 2004)

Foi ele o responsável pela instalação do primeiro observatório astronômico das Américas que ficava em uma das torres do palácio de Friburgo, de onde Jorge Marcgrave pôde olhar atentamente o céu do hemisfério Sul. A astronomia do período era carregada de significados: acreditava-se que a movimentação dos astros mantinha relação direta com os fenômenos terrestres, tanto físicos como sociais. (BARLÉU, 1974)

Apesar de calvinista, permitiu a liberdade de culto entre holandeses, franceses, italianos, belgas, flamengos e judeus. Nesse período foi fundada a primeira sinagoga das Américas chamada Kahal Kadosh Zur Israel, ou seja, Santa Comunidade Rochedo de Israel localizada atualmente na Rua do Bom Jesus. Nassau marcou época como governador tentando realizar uma política conciliatória entre holandeses e portugueses, além de oferecer liberdade restrita de

credo para católicos e judeus. Entretanto, isto não impossibilitou uma crescente onda anti-semita baseada na ideologia religiosa e no poder social e econômico que os judeus adquiriram com o tempo (RIBEIRO, 2006).

O governador combateu a oligarquia local dos senhores de engenho, incentivando o crescimento de uma nova classe dominante, a burguesia. Deste modo, foram combatidas a monocultura e a fome. Todo o interior, entretanto, ainda era tomado pelos portugueses que tinham o conhecimento da produção da cana-de-açúcar e conseqüentemente a economia em suas mãos, enquanto o poder institucionalizado estava nas mãos dos holandeses (RIBEIRO, 2006).

Ainda por essa época foi implantado o calçamento de algumas ruas e o saneamento urbano, além da construção da ponte Maurício de Nassau que ligava o Recife à cidade Maurícia, e que foi episódio de uma das histórias mais lembradas, a história do Boi voador, onde Maurício de Nassau divulgou que, durante a inauguração da ponte um boi iria voar e para reparar os gastos extrapolados da construção da ponte, resolveu cobrar pedágio e com isso arrecadou dois mil florins. Para que as pessoas não se sentissem enganadas, Maurício de Nassau "fez um boi voar". O truque usado foi um boi empalhado que estava suspenso por cordas ocultas na decoração. A inauguração ocorreu em 28 de fevereiro de 1643. Em 1865, foi substituída por uma ponte metálica e em 1917, deu lugar a ponte ainda hoje existente, em concreto.

De acordo com Mello (1978, p. 98), devido a problemas que envolviam a construção da ponte o Conde envia uma mensagem ao Alto Conselho informando que:

Ele tinha percebido há algum tempo que a ponte por diversos motivos que sobrevieram, dos quais se originou o processo, não sendo a escassez da Caixa da Companhia um dos menos importantes, estava sendo levada adiante muito lentamente, tanto que do seu acabamento o próprio Conselho dos XIX, na sua mais recente carta, parece desesperar; por isto à sua própria custa tinha tomado o serviço para completá-lo até o Recife, como ponte de madeira, pensando, também, nas razões e motivos que tinham decidido o Conselho em construí-la e que sua honra e respeito ficariam diminuídos se uma grande obra iniciada no seu governo fosse deixada incompleta.

Segundo Frei Manuel Calado, "... andava o Príncipe Conde de Nassau tão ocupado em fabricar a sua cidade, que para afervorar os moradores a fazerem casas, ele mesmo, com muita curiosidade, lhe andava deitando as medidas, e endireitando as ruas, para ficar a povoação mais vistosa"

Já Sérgio Buarque de Holanda afirmou que "As cidades surgiam ao sabor dos caprichos individuais, sem que fossem edificadas a partir de um plano geometricamente ordenado".

A cidade Maurícia, foi construída a partir de uma representação geométrica, aparece em vários mapas da época. Acredita-se que a cidade tenha sido concebida pelo arquiteto Pieter Post, que era irmão do pintor Frans Post, e que por nunca ter vindo ao Brasil tudo tende a indicar que o Conde Maurício de Nassau tenha trazido a planta consigo com a intenção de edificar uma cidade.

Com o aumento das guerras que resultaram na expulsão dos neerlandeses, vários lugares foram arruinados a partir de 1645. Ouvi muita destruição que assumiu formas diversas: alguns prédios foram destruídos para a reutilização do material em outras construções, como por exemplo, as edificações improvisadas pelos moradores do Recife holandês, e outros que foram readaptados para atender a situação de guerra.

De Nassau, pouco restou ao Recife. Não há na cidade alguma construção da época. Fortes como a das Cinco Pontas, erguido, em 1630, foram reconstruídos pelos portugueses. E o que ainda se pode ver dessa época são: documentos, cerâmicas, canhões, quadros e etc.

4.3 Explorando o legado da ocupação holandesa em Pernambuco.

Sinagoga Kahal Zur Israel

A Kahal Zur Israel, primeira sinagoga das Américas, foi reaberta no Recife e já está recebendo visitantes de todo o Brasil e do exterior. Em média, são 250 pessoas por dia que dá a idéia do grande interesse despertado pelo novo monumento, já considerado uma das atrações do roteiro turístico da cidade. Agora sede do Centro Cultural Judaico de Pernambuco, o prédio, localizado na antiga rua dos Judeus (hoje, rua do Bom Jesus), na região portuária de Recife, é visto como um verdadeiro ícone da cultura de tolerância religiosa e racial que torna o Brasil um exemplo para o mundo (MUNDO JUDAICO, 2002).

Há 370 anos, no período do domínio holandês sobre o território que ia da foz do São Francisco até o Maranhão, judeus portugueses vindos da Holanda estabeleceram-se em Recife, incorporando-se rapidamente à elite local como comerciantes, financiadores dos donos de engenhos de açúcar e mercadores. Essa comunidade desenvolveu-se, em especial, em área próxima do atual porto, originalmente conhecida como Rua da Cruz, depois Rua dos Judeus, em função da numerosa comunidade judaica que abrigou e, finalmente, Rua do Bom Jesus, seu nome atual (MUNDO JUDAICO, 2002).

Museu do Estado de Pernambuco – MEPE

Criado em 08 de fevereiro de 1929, foi extinto em 1933, com a sua extinção a Biblioteca Pública do Estado ficou com a guarda do seu acervo. Neste período surgiu uma nova política a respeito da preservação de bens culturais. Com o Decreto nº 491 de 10 de maio de 1940 é recriado o Museu do Estado de Pernambuco, com a realização de inauguração de suas novas instalações no casarão em Ponte D'Uchoa, onde o mesmo funciona até hoje e que faz parte da unidade da Secretaria de Cultura (FUNDARPE, 2010).

<http://www.cultura.pe.gov.br/museu.html> - topo **4.3.4.1 Instalações Físicas**

O Museu tem uma área com mais de 9.000 m², com extenso estacionamento e jardins decorados com estátuas e vasos de cerâmica em estilo português. O palácio é do século XIX, que pertencia ao Dr. Augusto Frederico de Oliveira, filho do Barão de Beberibe, a partir de 1940 tornou-se sede própria do Museu do Estado de Pernambuco. A sua entrada principal tem como guardiões dois grifos de bronze: cabeça de águia, corpo de leão e cauda de serpente.

A escadaria que leva ao terraço frontal é ladeada por Estátuas de zuavos, isto é, guerreiros de infantaria francesa formada na Argélia, cujo fardamento foi copiado por outras localidades, inclusive pelos voluntários da Pátria baianos que lutaram na Guerra do Paraguai, onde encontra-se em mármore, as Musas, que presidem as Artes: Memmosina, da memória e mais sete das suas nove filhas com Zeus = Júpiter, que são: Euterpe, da música; Polímmnia, a musa da retórica; Erato, da poesia; Melpomene, da tragédia; Tália, da comédia; Clio da história; e Calliope, da epopéia. E no terraço lateral pode ser visto um canhão holandês, de bronze, e, na parte de trás do Museu 4 canhões da artilharia portuguesa, complementam a coleção de armaria (FUDARPE, 2010).

4.3.4.2 Acervos disponíveis no Museu

Um dos acervos disponíveis no museu é conjunto de itens religiosos afro-brasileiros compostos de mais de trezentos itens. Conserva também um importante conjunto de porcelana chinesa e inglesa, vários objetos ornamentados de marfim, talhas e cofres de madeira dourada, além de diferentes itens do mobiliário pernambucano dos séculos XVIII e XIX, peças de porcelana francesa, opalinas, cristais, ourivesaria e aparelhos musicais. Uma extraordinária parte do acervo refere-se ao período da ocupação holandesa do Brasil, nos períodos de 1624 e 1654 (MEPE, 2008).

Consta também deste acervo, pinturas e gravuras dentre as quais pode-se destacar dois extensos painéis a óleo datado de 1709, provenientes da Câmara de Olinda, que simulam cenas dos combates travados entre luso-brasileiros e holandeses. Constitui também o acervo de vários retratos da família imperial brasileira, como o imperador dom Pedro I, a imperatriz Leopoldina, dom Pedro II e Thereza Christina. Um valioso conjunto de cromolitografias do século XIX, além de uma vista panorâmica da capital do Estado, de feita por Hagedorn, e diversas litografias de artesãos europeus fazem parte do acervo e são valiosas alusões para o conhecimento do Recife antigo (MEPE, 2008).

O Museu do Estado de Pernambuco conta também com uma pinacoteca que tem como destaque importantes artistas pernambucanos do século XIX, como Telles Júnior e Mário Nunes, assim como outros desse período, que tiveram influencia no Brasil, como os cariocas Maximiano Mafra e Bérard, o português e o espanhol Modesto Brocos. Duas paisagens de Pernambuco produzidas por Frans Post estão entre as obras mais relevantes. Obras de Cicero Dias, Vicente do Rego Monteiro e Francisco Brennand, do século XX compõem também o acervo do museu (MEPE, 2008).

4.3.5 Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano

Foi fundado no dia 28 de janeiro de 1862, constituindo-se no primeiro instituto histórico regional do Brasil. Comenta-se que o Instituto teve suas origens a partir de críticas feitas pelo Imperador Pedro II, quando da sua visita ao Recife, em 1859, sobre o descaso e à indiferença dos intelectuais pernambucanos quanto ao passado histórico do Estado. No início, funcionou em dependências do convento do Carmo, depois na Biblioteca Pública Provincial do mosteiro de São Francisco e posteriormente num prédio na praça da Concórdia, hoje, praça Joaquim Nabuco (GASPAR, 2010).

O Instituto por um período foi instalado no Ginásio Pernambucano, depois mudou-se definitivamente para um casarão de dois andares, localizado na Rua do Hospício, próximo ao Teatro do Parque. O Museu abre para visitação ao público, e expõe documentos e relíquias que são valiosas fontes de informações da história de

Pernambuco, como uma coluna em pedra com o brasão e a coroa portugueses datando de 1535, que serviu de marco no período das capitanias de Pernambuco e Itamaracá; o emblema de armas de Duarte Coelho; os bustos de Frei Caneca, Oliveira Lima, Alfredo de Carvalho e Mário Melo, e vários elementos históricos que enriquecem a cultura de Pernambuco, pinturas de retratos a óleo e quadros de personalidades como o próprio Maurício de Nassau, Dom Pedro II, o bispo Azeredo Coutinho, João Alfredo, o Conde da Boa Vista; algumas obras que fazem alusão a primeira e a segunda batalha dos Guararapes; Ilustrações valiosas do Recife antigo; uma coletânea de moedas e medalhas; objetos e manuscritos raros. Todo o seu acervo é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (GASPAR, 2010).

4.3.7 Forte das Cinco Pontas

O Forte de São Tiago das Cinco Pontas situa-se no atual bairro de São José, próximo à antiga Estação Rodoviária de Santa Rita. É a última construção holandesa no Recife e um dos monumentos mais representativos da arquitetura colonial (FUNDAJ, s.d.).

Foi edificado pelos flamengos, no ano de 1630, por determinação do Príncipe de Orange - *Frederik Hedrik* -, tendo como seu idealizador o comandante Teodoro Weerdemburgh. Chamou-se, primeiramente, de Forte Frederico Henrique (FUNDAJ, s.d.).

Construída em taipa sobre um solo alto, e dominando, por completo, o porto do Recife, a fortaleza possuía como padroeira Nossa Senhora da Assunção. Ficava em uma área próxima às cacimbas de água potável de Ambrósio Machado, um abastado senhor de engenho na ilha de Antônio Vaz. Em decorrência de sua proximidade com tais cacimbas, também foi denominada de Forte das Cacimbas de Ambrósio Machado e de Forte das Cacimbas das Cinco Pontas (FUNDAJ, s.d.).

Os objetivos mais relevantes da fortaleza eram os de garantir à população o suprimento de água potável, mediante a proteção das cacimbas (ponto vital para o

abastecimento d'água do Recife), e impedir que os navios inimigos circulassem pelas águas do rio Capibaribe, e chegassem até a Barreta dos Afogados (através de uma passagem existente nos arrecifes), podendo se evadir, a partir daí, com os barcos carregados de açúcar (FUNDAJ, s.d.).

Com a vinda do Conde João Maurício de Nassau-Siegen para o Recife, os holandeses iniciaram a construção de um canal de trinta metros de largura, partindo do Forte Frederico Henrique e se estendendo até o local onde se encontra, hoje, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Em 1637, por sua vez, as muralhas e a profundidade do fosso da fortaleza foram reformadas (FUNDAJ, s.d.).

No século XVII, ela é destruída por João Fernandes Vieira e ocupada por tropas luso-brasileiras, sob o comando de André Vidal de Negreiros e do general Francisco Barreto de Menezes. A capitulação dos holandeses ocorre na campina do Taborda, perto do atual Cabanga late Clube. Quando o Forte foi rendido, em 1654, havia os seguintes elementos em seu inventário oficial: 17 canhões de calibre 2 a 24, dois alfanges de cortar cabeça e vários outros apetrechos bélicos (FUNDAJ, s.d.). A esse respeito, existe hoje, na entrada do Forte, uma placa que registra a rendição holandesa:

Próximo a este forte das Cinco Pontas, um dos últimos baluartes flamengos, na chamada campina do Taborda, existiu a porta sul de Mauricéia, onde o mestre de campo general Francisco Barreto, chefe militar da campanha de libertação e restauração de Pernambuco, recebeu a 28.1.1654, na qualidade de vencedor, as chaves da cidade, que lhe foram entregues pelo general Segismundo von Schkoppe, comandante das forças holandesas que, na ante-véspera se haviam rendido. Esta memória foi mandada colocar pelo Exército, no ensejo das comemorações do tricentenário da Restauração. 1654 – 1954 (FUNDAJ, s.d.).

O último nome adquirido pelo forte, finalmente, é o de São Tiago das Cinco Pontas, pelo fato de haver, em seu interior, uma pequena capela dedicada a São Tiago Maior, um dos seus santos padroeiros. Por volta do ano 1817, o local abriga, também, a sede do Quartel General Militar. Antigamente, o forte possuía uns subterrâneos que serviam de prisão, mas eles foram demolidos no ano de 1822, por ordem de Gervásio Pires Ferreira, que dirigia a Junta do Governo Provisório de Pernambuco. Tais subterrâneos, vale salientar, eram verdadeiros túmulos dos vivos.

Um dos presos mais ilustres, em 1935, tratou-se do romancista Graciliano Ramos. Em *Memórias do cárcere*, seu famoso livro, Graciliano se refere à Estação de Cinco Pontas como sendo um quartel (FUNDAJ, s.d.).

O Forte de São Tiago das Cinco Pontas possui um pátio interno, várias celas com grades pesadas, feitas em ferro, e um túnel oculto, planejado para os holandeses fugirem, caso sofressem uma invasão. As muralhas da construção, por outro lado, se apresentam recortadas nos pontos em que aparecem os antigos canhões de bronze. Pode-se apreciar um belo portão na entrada da fortaleza, todo feito em madeira de lei. As demais portas e janelas do forte foram confeccionadas com material idêntico. Ao lado da fortaleza há um histórico paredão onde, no dia 13 de janeiro de 1825, foi morto o frade carmelita Joaquim do Amor Divino Caneca - o conhecido Frei Caneca. Tal paredão ficava junto à forca, onde deveria morrer o célebre mártir pernambucano (FUNDARJ, s.d.).

4.3.8 O Arraial do Bom Jesus

Na altura do n.º 3.259 da hoje Estrada do Arraial, em Casa Amarela, encontra-se o Sítio Trindade, que faz fundos com a Estrada do Encanamento, onde uma pequenina pirâmide de granito, ali colocada pelo Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, em 29 de janeiro de 1922, assinala o local do Arraial Velho do Bom Jesus (SILVA, 2003).

Naquele parque municipal, que hoje abriga inúmeros espécies da nossa flora regional, o general Matias de Albuquerque, à frente de centenas de bravos pernambucanos, resistiu por cinco anos (1630-1635) às bem municadas e numerosas tropas holandesas financiadas pela Companhia das Índias Ocidentais. Era o Arraial do Bom Jesus, no dizer de Tadeu Rocha: uma construção irregular e mal acabada, mas muito resistente. A natureza do terreno, o profundo fosso e os altos paredões deram-lhe o aspecto de uma fortaleza quase inexpugnável, sob cuja proteção foram abrigar-se muitas famílias, numerosos sacerdotes e diversos negociantes (SILVA, 2003).

Surgiu, assim, uma povoação eminentemente brasileira o Arraial do Bom Jesus onde Henrique Dias se apresentou com os seus pretos livres, em 14 de maio de 1633, completando o amálgama de brancos, índios, negros escravos e mestiços de toda ordem, já existentes no forte e no vizinho arraial.

Com a tomada do Recife pelos holandeses, o general Matias de Albuquerque iniciou a Guerra da Resistência recolhendo-se com seus bravos ao Arraial do Bom Jesus, que ocupava grande área daquele hoje populoso bairro do Recife, onde por cinco anos resistiu numa luta sem tréguas (SILVA, 2003).

4.3.9 O Convento Franciscano de Santo Antônio

O Convento Franciscano de Santo Antônio é uma das obras mais antigas do Recife. Em 1606, os frades franciscanos de Olinda resolveram construir um convento para atender à população presente no *Arrecife* (nome do Recife naquele período). Um senhor de engenho chamado Marcos André, doou para os frades 56 braças de terra para a edificação de um convento, na ilha dos Navios. Essa ilha, logo depois, foi chamada de Ilha de Antônio Vaz, que recebeu esse nome em homenagem a um português que por muitos anos exerceu no Recife as funções de Porteiro da Alfândega do Recife e também de Juiz das Execuções. Essa ilha seria onde hoje se encontra o bairro de Santo Antônio.

Segundo a historiadora Hannedea van Nederveen Meerkerk, presidente da Fundação para Exploração e Conservação de Monumentos da Cia. Holandesa das Índias Ocidentais. “O Convento de Santo Antônio foi construído em 1606 na ilha Antônio Vaz, que, fora a casa de um pescador, era então completamente vazia. Em 1630 os holandeses invadiram Pernambuco e encontraram o convento, então decidiram construir um forte naquele local, incluindo o convento, que foi usado como casa do comandante. Depois de 24 anos, com a partida dos holandeses, os portugueses decidiram reconstruir o Convento de Santo Antônio e decorá-lo com azulejos, aos moldes do Convento Madre de Deus, em Lisboa.”

Durante as reformas que foram realizadas no convento, encontrou-se uma série de azulejos entre o claustro superior e inferior, por cima das arcadas. Esses azulejos são de origem Holandesa, e provavelmente foram produzidos em Roterdã , na Holanda. Eles foram levados para o Brasil por comerciantes holandeses para a decoração de casas de famílias ricas e, possivelmente, para a residência de Maurício de Nassau, o Palácio Friburgo. Só depois teriam sido transferidos para o convento. Trata-se do maior conjunto de azulejos holandeses do século 17 fora da Europa, reunindo ao todo 923 peças inteiras e centenas de pedaços de azulejos. A grande curiosidade é que os azulejos holandeses encontrados no Convento não trazem pinturas religiosas, mas sim imagens de golfinhos, cavalos, flores, baleias, leões, lebres, javalis, elefantes, cervos, sereias, monstros, veleiros, vasos floridos, cavaleiros, crianças brincando.(GUIMARÃES,2010)

Segundo Hannedea (2010),No século 18, logo depois, da reconstrução do convento pelos portugueses, o Palácio Friburgo foi em grande parte demolido e eles pegaram os azulejos e colocaram no convento. Esta é a maior coleção ultramarina de azulejos holandeses, então é muito importante, é uma herança cultural mesmo. O museu possui a maior coleção de azulejos, da época holandesa no País, e ainda constitui um dos mais conservados e respeitados acervos do Patrimônio Histórico e Artístico do Brasil.

4.3.10 Instituto Ricardo Brennand

O Instituto Ricardo Brennand que se encontra no bairro da Várzea, em Recife, possui uma exposição com um grande acervo de pinturas de Frans Post no período do Brasil Holandês. A exposição exhibe para o público um conjunto de obras relativas ao século XVII que o Instituto veio adquirindo nos últimos seis anos. São tapeçarias, documentos, livros, objetos e moedas relativos ao Brasil holandês além de 15 telas de Frans Post, que era pintor e veio para o Brasil com Maurício de Nassau.

A pinacoteca do Instituto possui a maior coleção de quadros de Frans Post, além de possuir a única coleção do mundo com obras de todas as quatro fases artísticas de sua carreira, sendo a fase mais importante a que corresponde ao período em que Frans Post pintou suas telas no Brasil, o que equivale a sete óleos, e um deles o que retrata a Ilha de Antonio Vaz em Pernambuco, que é onde hoje se encontra os bairros de São José e Santo Antônio, está agora na coleção do Instituto Ricardo Brennand. O museu possui também quadros com a figura de Maurício de Nassau, documentos e manuscritos assinados por ele, além de um rico acervo do século XVII.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo não é apenas a interação entre hotéis, restaurantes e transportes. Para que o ramo cultural do turismo seja exercido, as manifestações e tradições do lugar a ser explorado devem ser apresentadas de forma criativa com o objetivo de atrair um contingente maior de turistas para aquela localidade.

A motivação do turista em vivenciar o patrimônio histórico e cultural de determinados grupos e eventos culturais é um fator de grande relevância para trabalhar esses pontos existentes do Estado de Pernambuco. Este tipo de turismo caracteriza-se pela busca do aprendizado e entendimento do local a ser visitado.

Diante das pesquisas realizadas podemos concluir que é possível realizar roteiros que dê ênfase ao legado cultural holandês. Inúmeros registros dão conta desse legado encontrado em gravuras, telas de pintores da época, desenhos, mapas, documentos e azulejos. Devido a esses acervos, vem acelerando o intercâmbio do Recife e países como Dinamarca e Holanda, resultando-se em eventos culturais. Contribui para o crescimento do turismo local que é de grande relevância trabalhar em roteiros turísticos. Pois é a única cidade do Brasil que obteve colonização holandesa.

REFERÊNCIAS

BALDÉ, Sacuna. **Turismo cultural na guiné-bissau: uma súplica à consciência crítica sobre a participação do governo guineense no setor.** 2009. Artigo disponível em: <http://www.didinho.org/TURISMOCULTURALNAGUINEBISSAU.htm>. Acessado em 23/09/2010.

BARRETO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural:** as possibilidades do planejamento. 5. ed. Campinas – SP: Papyrus, 2000.

BRASIL. **Sustentabilidade sociocultural: princípio fundamental.** MTur: Brasil, 2006.

. **Turismo cultural: orientações básicas.** Ministério do Turismo, Coordenação Geral de Segmentação. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

, Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo – Turismo Cultural** (Orientações Básicas). Brasília: Mtur, 2007.

CORREIOS RECIFENSE. **Uma viagem na história e na cultura do Recife.** Artigo publicado em 03/11/2009.

DONATO, Maria das Graças Andrada. **Recife, cidade maurícia.** Recife: Governo do Estado de Pernambuco. Secretaria de Educação. Comissão de Moral e Civismo, 1986.

FRANCA, Rubem. **Monumentos do Recife.** Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1977.

FUNDARPE. **Histórico do Museu do Estado de Pernambuco.** Disponível em <http://www.cultura.pe.gov.br/museu.html>. Acessado em: 05/10/2010.

FUNDARJ. **Forte das Cinco Pontas.** Disponível em: **Erro! A referência de hiperlink não é válida..** Acessado em: 05/10/2010.

FURTADO, Celso. **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GASPAR, Lúcia. **Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano**. Publicado em Abril de 2010. Biblioteca da Fundação Joaquim Nabuco

GASPAR, Lúcia. **Palácio de Friburgo, Recife, PE**. Publicado em março de 2010. Biblioteca da Fundação Joaquim Nabuco.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

MELLO, José Antônio Gonçalves de. **Tempo dos Flamengos. Influência e ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil**. 2 ed. Recife: Governo do Estado de Pernambuco; Secretaria de Educação e Cultura; Departamento de Cultura, 1978.

MELLO, Evaldo Cabral de. **Nassau: governador do Brasil holandês**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MEPE: **Museu do Estado de Pernambuco. Histórico**. Artigo publicado em 2008.

MUNDO JUDAICO. **Primeira Sinagoga**. Edição n 37, junho 2002..

RIBEIRO, Carlos Leite. **História e Estados do Brasil**. Disponível em: http://www.sokarinhos.com.br/HISTORIA/histbr_15.htm. Acessado em: 26/09/2010.

SILVA, Leonardo Dantas. **Os Holandeses em Pernambuco - Uma história de 24 anos: Holandeses dominam Pernambuco - O Arraial do Bom Jesus**. Especial para o Diário de Pernambuco. Edição de Segunda-Feira, 11 de Agosto de 2003.

FREYRE, Gilberto. **O Recife sim, Recife não**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

MELLO, Evaldo Cabral de. **Olinda restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1630/1645**. São Paulo: EDUSP, 1975.

GESTEIRA, Heloisa Meireles. **A cidade maurícia e a colonização holandesa no Brasil- 1630/1654**. 1996. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em

História Social da Cultura, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro: 1996.

HOLANDA. Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.

PAPAVERO, J. ; TEIXEIRA, G. **Os jardins botânicos no Brasil colonial. Contribuições avulsas sobre história natural**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 1-22, mar. 2000

SILVA, Leonardo Dantas. **Pernambuco preservado: histórico dos bens tombados no Estado de Pernambuco**. Recife: [s. n.], 2002.

VAINSENER, Semira Adler. *Convento Franciscano de Santo Antônio (Recife, PE)*. Fundação Joaquim Nabuco, Recife.